

COORDENAÇÃO DA PANDEMIA, ECONOMIA,
NEGACIONISMO E EMOÇÕES NOS
GOVERNOS TRUMP E BOLSONARO

*PANDEMIC COORDINATION, ECONOMY,
DENIALISM, AND EMOTIONS IN THE TRUMP
AND BOLSONARO GOVERNMENTS.*

*COORDINACIÓN DE LA PANDEMIA, ECONOMÍA,
NEGACIONISMO Y EMOCIONES EN LOS
GOBIERNOS DE TRUMP Y BOLSONARO*

*José Miguel RASIA**

*Soraya Vargas CORTES***

*Alexandre Ribeiro MARTINS****

RESUMO: Este artigo empreende uma análise comparativa dos editoriais dos periódicos *Washington Post* e *O Estado de São Paulo*, examinando a coordenação negacionista da pandemia de Covid-19 sob os governos de Donald Trump e Jair Bolsonaro, bem como suas interseções com a economia e as emoções. Contrariando a percepção de fracasso atribuída à Coordenação da pandemia, nossa tese é que esta representou a concretização de um projeto de poder conservador, assentado na negação sistemática da ciência e dos princípios democráticos. No cerne deste estudo, o negacionismo é entendido como categoria histórica e política voltada à construção da ignorância e a distorção da verdade, servindo de alicerce para governos de extrema direita. Através dessa lente, desdobram-se as camadas dessa

* Professor titular no PPG-Sociologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), PR, Brasil. Doutor pela Unicamp. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7600-8250>. Contato: zecarasia@gmail.com.

** Professora titular no PPG-Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), RS, Brasil. Doutora pela *London School of Economics and Political Science*. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2502-2364>. Contato: vargas.cortes@ufrgs.br.

*** Professor adjunto no Centro Universitário Santa Cruz (USC), PR, Brasil. Doutor em Filosofia pela PUC Pr. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-4317-6866>. Contato: professoralexandrefilosofia@gmail.com

estratégia política, mapeando suas ramificações e impactos além da crise sanitária, nos campos da emoção e da economia, sublinhando a multifacetada influência do negacionismo no tecido social contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19. Negacionismo. Economia. Emoções.

ABSTRACT: *This article undertakes a comparative analysis of the editorials from the Washington Post and O Estado de São Paulo newspapers, examining the denialist coordination of the Covid-19 pandemic under the governments of Donald Trump and Jair Bolsonaro, as well as its intersections with the economy and emotions. Contrary to the perceived failure attributed to the pandemic coordination, our thesis is that it represented the realization of a conservative power project, based on the systematic denial of science and democratic principles. The denialism is understood as a historical and political category aimed at constructing ignorance and distorting the truth, serving as a foundation for far-right governments. Through this lens, the layers of this political strategy unfold, mapping its ramifications and impacts beyond the health crisis, in the fields of emotion and the economy, highlighting the multifaceted influence of denialism on the contemporary social context.*

KEYWORDS: Covid-19. Denialism. Economics. Emotions.

RESUMEN: *Este artículo realiza un análisis comparativo de los editoriales de los periódicos Washington Post y O Estado de São Paulo, examinando la coordinación negacionista de la pandemia de Covid-19 bajo los gobiernos de Donald Trump y Jair Bolsonaro, así como sus intersecciones con la economía y las emociones. Contrariamente a la percepción de fracaso de la coordinación de la pandemia, nuestra tesis es que esta representó la realización de un proyecto de poder conservador, basado en la negación sistemática de la ciencia y de los principios democráticos. En el núcleo de este estudio, el negacionismo se entiende como una categoría histórica y política dirigida a la construcción de la ignorancia y la distorsión de la verdad, sirviendo de base para gobiernos de extrema derecha. A través de esta lente, se despliegan las capas de esta estrategia política, mapeando sus ramificaciones e impactos más allá de la crisis sanitaria, en los campos de la emoción y la economía, subrayando la influencia del negacionismo en el tejido social contemporáneo.*

PALABRAS CLAVE: Covid-19. Negacionismo. Economía. Emociones.

1. Introdução

A pesquisa que dá origem a este artigo investiga as ações desenvolvidas pelos governos da China, do Brasil e da Índia sobre a Pandemia de Covid-19 e como ela foi tratada nos editoriais e artigos de opinião nos Jornais *People's Daily* (China), *O Estado de São Paulo* (Brasil) e *Times of Índia* (Índia), na perspectiva do Sul Global, durante os anos de 2020 e 2021. Ao longo da coleta de dados, ficou evidente duas posições distintas. Se por um lado a China adotou estratégias de combate à Covid-19 marcadamente pautada nas indicações da ciência e da tecnologia modernas, por outro lado Brasil e Índia adotaram estratégias de negação da crise sanitária e sua gravidade, desautorizando a ciência e as tecnologias de combate ao vírus. Neste sentido, o discurso e a ação dos Governos Modi e Bolsonaro estiveram alinhados com o discurso e a ação do governo Trump, o que pode ser origem de uma hipótese de trabalho que privilegia a compreensão da pandemia sob governos conservadores.

Partindo dessa possibilidade introduzimos na coleta de dados Estados Unidos, cujo tratamento dado à crise sanitária esteve na raiz das estratégias políticas que se tornaram referência para no Governo Bolsonaro. Para entender como os Estados Unidos de Trump lidaram com a crise sanitária, tomamos os editoriais e os artigos de opinião jornal *Washington Post* e para o Brasil de Bolsonaro o jornal *O Estado de São Paulo*.

A escolha dos artigos de opinião e dos editoriais desses jornais deve-se ao fato de que ambos se constituem em veículos da mídia tradicional de seus respectivos países. Do ponto de vista da linha editorial desses jornais poderíamos afirmar que são jornais “tolerantes” com os governos conservadores, embora no caso da Pandemia de Covid-19 mostraram-se críticos a Trump e Bolsonaro, cuja Coordenação contrariava as medidas de proteção defendidas pela Organização Mundial da Saúde. Além disso os jornais dedicaram críticas contundentes ao uso de terapias não recomendadas pela ciência, como hidroxicloroquina, ozônio e ivermectina.

Potencializadas pelas redes sociais de seus apoiadores as falas de Trump e Bolsonaro assumiram a condição de verdade (Adorno, 2020; Proctor, Schiebinger, 2005) produzindo desinformação e adesão às propostas que negavam a gravidade da pandemia.

Para Proctor e Schiebinger (2005), a ignorância que muitas vezes está associada ao desconhecimento sobre algo, no campo político assume uma perspectiva intencional. Ao analisarem a produção intencional da ignorância mediante certas ciências e artes, afirmam que o objetivo político dessa produção é o controle das massas não só através da desinformação, mas também sobre determinadas parcelas da verdade.

Adorno em *Estudos sobre a personalidade autoritária* (2019), afirma que há uma parcela significativa da população que é mais suscetível ao discurso da

autoridade política, se submetendo de forma acrítica ao que é dito. Neste sentido ele identifica nesta população certos traços de personalidade e atitudes de predisposições a ideologias autoritárias ou extremistas. Ao observar padrões de comportamento dessa parcela da população suscetível ao discurso autoritário Adorno desenvolveu o que ele chama de Escala F¹. Quando tomamos o discurso dos governantes de extrema direita e seus efeitos sobre a população em dias atuais percebemos uma proximidade com os traços de personalidade e as predisposições citadas pelo autor.

Pautado no antagonismo nós/eles, o discurso da extrema direita visa o enfraquecimento da democracia. Esta estratégia política, inicialmente proposta por Carl Schmitt (1929), busca a criação de um cenário de conflito em que a oposição política é considerada como inimiga que deve ser aniquilada sob a justificativa de colocar em risco a harmonia social. Laclau (2005) e Mouffe (2015) retomam esta discussão, atualizando-a e mostrando o quanto a extrema direita atual ainda se vale desta prática. Segundo os autores, faz parte do antagonismo político a simulação de uma realidade bélica, cujo resultado é a adesão dessa parcela da população à ideologia conservadora. A metáfora bélica do discurso de extrema direita divide a sociedade entre os bons (nós) e os maus (eles), assim, não só o discurso, mas também ação se pauta pelo maniqueísmo político.

Países tão diversos como os Estados Unidos, Turquia, Polônia, Índia, Hungria e Brasil assistiram nos últimos anos a ascensão de lideranças nacionais de extrema direita, caracterizados por ultraconservadorismo, nacionalismo exacerbado, ataque aos direitos de minorias, e comunicação direta via redes sociais, contornando os grandes órgãos de imprensa, não raras vezes com desinformação e fake News. (Bassani, Fabris, Simoni Jr, 2021, p. 233-234).

Da mesma forma, Morais, Costa e Bernardi (2020) ao analisarem as afirmações de Trump sobre a Covid-19 nos EUA, afirmam que o discurso populista da extrema direita funciona a partir da “seletividade de informações” que reforçam o acirramento da polarização política entre nós e eles:

A percepção da polarização, então, muda as atitudes dos cidadãos, gerando sentimentos negativos do outro, pois considera que não faz parte do seu grupo. O resultado é a geração da intolerância política e do discurso de ódio. Por isso, discursos populistas podem aumentar essa percepção e gerar atitudes e comportamentos negativos.

¹ A denominação Escala F se deve ao fato de que Adorno busca com ela medir a tendência dos indivíduos a aderirem ao discurso, a propostas e a ideologias de cunho fascista. Fazem parte da Escala F o conformismo convencional, a submissão autoritária, o anti-intelectualismo, superstição e estereotípias, a violência, a destrutividade e o cinismo, projeção e rigidez sexual.

tamentos negativos em relação a determinados assuntos que estão em debate. (Morais; Costa; Bernardi, 2020, p. 131-132).

O negacionismo não é um fenômeno novo² e nem único, mas um fenômeno que pode ser percebido de diferentes tempos e em diversos campos do saber e da ação humanas: na História, na Filosofia, na Sociologia, nas Ciências da natureza na política e mesmo no senso comum. De acordo com López (2023), o negacionismo como fenômeno social nega uma verdade empiricamente verificável, na medida em que esta encontra-se em conflito com interesses, crenças e ideias de um grupo. Sua estratégia consiste em construir argumentos embasados em falsos especialistas e teorias de conspiração produzindo falsas interpretações dos fatos. Este argumento, vem ao encontro do que afirmam Proctor e Schiebinger (2005), sobre a produção intencional e sistemática da ignorância e o controle sobre a verdade e aos argumentos de Adorno (2019). Neste artigo consideramos que a coordenação da pandemia nos EUA e no Brasil fundada no negacionismo, foi a expressão de um projeto de poder autoritário e de extrema direita que nega a ciência, a democracia e os princípios civilizados (Valim, Avelar, Bevernage, 2021; Caponi, 2020; López, 2023).

No caso da Pandemia de Covid-19, como veremos a partir dos dados utilizados neste artigo, tais discursos e ações resultaram inevitavelmente em um considerável aumento do número de mortos e de doentes. O exame dos dados nos levou a considerar a hipótese de que a política negacionista evidenciou a precariedade da vida, sobretudo, dos mais vulneráveis e a insistência dos dois presidentes em negar os efeitos do vírus e acusar a imprensa de manipular os dados. Sob esta ótica, tornou-se perceptível não só a desigualdade econômica e social das vítimas, mas também a defesa por esses governantes de uma suposta diferença ontológica entre os indivíduos, que busca justificar a desigualdade e ao mesmo tempo os efeitos diferenciados do vírus.

No entanto, embora esta hipótese permita compreender nuances da pandemia nos Estados Unidos e no Brasil, conjecturamos a possibilidade de interpretar a coordenação negacionista da Pandemia por Trump e de Bolsonaro esteve relacionada não só à desinformação e à distorção da verdade, mas contribuiu para transmissão e propagação do vírus. A tese que passamos a sustentar neste artigo é a de que o negacionismo, ao configurar-se como ferramenta de produção sistemática da ignorância, integra o projeto político da extrema direita como categoria política orientou o discurso e a ação desses governantes. Ao disseminar mentiras, o negacionismo as transformou em verdade por seus efeitos, reproduziu conteúdos e atitudes negacionistas entre os indivíduos que foram destituídos da capacidade de distinguir entre o falso e o verdadeiro (Kant, 1985; Honneth, 2018).

² Ver a este respeito Rousso (2008).

Embora considerados como fracassados na gestão da pandemia Trump e Bolsonaro mostraram-se eficientes quando agiram na produção da desinformação com o objetivo de controle das massas. São exemplos dessa eficiência a adesão da população ao discurso negacionista em relação à ciência, à crença na ameaça comunista, ao fim da liberdade individual, da liberdade religiosa e da família. O poder de mobilização do negacionismo levou às manifestações contrárias à democracia (o ataque ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021 nos EUA e o 8 de janeiro de 2023 no Brasil) e ao crescimento de grupos organizados de extrema direita no Brasil e nos EUA. Com a derrota de Trump e posteriormente de Bolsonaro, o projeto negacionista continuou, mas agora encampado por políticos e movimentos de Direita e Extrema Direita.

2. Metodologia e Diretrizes de Análise

A coleta de dados foi feita nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Washington Post* dos dois primeiros anos da Pandemia (2020 e 2021). Selecionamos os editoriais e os artigos de opinião que tratam do tema nas edições diárias destes jornais. As matérias não só repercutiram as falas dos presidentes Trump e Bolsonaro e de seus auxiliares imediatos, ministros, secretários, diretores de autarquias e empresas estatais, assessores e parlamentares de mesma orientação política dos presidentes, mas também revelam as posições assumidas pelos jornais e o tipo de debate que propuseram sobre a forma como estes governos agiram na pandemia de Covid-19.

Tabela 1: Editoriais e artigos de opinião dos jornais
O Estado de São Paulo e *Washington Post* – 2020-2021

Jornal	Ano 2020	Ano 2021	Total
O Estado de São Paulo	180	108	288
Washington Post	533	391	924
Total	713	499	1212

Fonte: os autores, 2024.

A primeira observação a ser feita é que os jornais, em boa medida foram críticos de Trump e Bolsonaro. Estas posições podem ser entendidas não só como reafirmação dos interesses de grupos liberais e democráticos aos quais esses jornais se vinculam, mas também revelam suas preocupações com a gravidade e a extensão da crise sanitária que Covid-19 desencadeou.

A ferramenta utilizada para a coleta dos dados foi o NVivo10. Seu emprego permitiu que os temas abordados nos editoriais e artigos de opinião fossem classificados num conjunto de nós ou categorias que sintetizam os temas tratados em cada um dos artigos analisados. As categorias utilizadas na pesquisa foram construídas a partir da leitura prévia de um conjunto de editoriais e textos de opinião dos dois jornais, correspondente a 10% da totalidade dos artigos publicados sobre a pandemia para cada ano contemplado na pesquisa. Foi realizado então o cálculo de frequência dos temas objeto de discussão nos editoriais e artigos de opinião, este cálculo nos ajudou a definir que categorias seriam trabalhadas neste artigo. A recorrência dos temas é o ponto central na escolha que fizemos para classificar o material empírico. Estabelecidas as categorias realizamos a leitura de todos os textos publicados, conforme tabela 1 e posterior classificação. O resultado da classificação foi submetido à uma escala de significância que permitiu perceber a relevância dos temas. A escala que construímos foi composta por três intervalos que variavam de 1 – 10, sendo que 10 corresponde ao máximo de vezes que o tema aparece e 1 o mínimo. Esta distribuição nos permitiu criar três intervalos de significância, cujos valores obedecem a seguinte distribuição: 1 a 3 baixa significância, de 4 a 6 média significância e de 7 a 10 alta significância. Com o auxílio dessa escala selecionamos para este artigo as categorias de alta significância, as quais constam na tabela abaixo.

Tabela 2: Categorias e Frequência nos jornais pesquisados – 2020 e 2021.

Categorias	Estadão 2020	Estadão 2021	Washington Post 2020	Washington Post 2021
Negacionismo	123	167	167	187
Emoções*	66	26	111	79
Coord. da Pandemia	173	87	168	118
Economia	89	36	89	103

Fonte: os autores, 2024

A **categoria negacionismo** compreende a negação da ciência e das medidas de proteção preconizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (uso de máscara, isolamento, distanciamento social e higiene). Nesta categoria estão incluídas também a negação da gravidade da infecção, a extensão da pandemia e o papel da imprensa na divulgação dos dados sobre casos e mortes; a **categoria emoções** é composta pelos temas relacionados à sensibilidade e aos sentimentos³ produzidos

³ AMARANTE *et al* (2020), O enfrentamento do sofrimento psíquico na pandemia: diálogos sobre o acolhimento e a saúde mental em territórios vulnerabilizados. RANGEL *et al.* (2021), COVID-19 in China, Italy and the United States of America: a short review. SANDÍN, *et al* (2021), Impacto emocional

pela pandemia: manifestações de sofrimento, medo, morte, perda, luto, desamparo, solidão, abandono e solidariedade; a categoria **coordenação da pandemia** compreende a dimensão política da gestão da crise sanitária, nela estão incluídas as medidas tomadas para a contenção do vírus, o papel do Estado no atendimento às vítimas do coronavírus, o sistema público de saúde e os programas de apoio ao desenvolvimento de vacinas e medicamentos; a **categoria economia** compreende as relações entre a produção econômica e a pandemia, medidas como *lockdown*, transferência e proteção da renda e do emprego dos trabalhadores, manutenção das pequenas e microempresas, programas sociais de assistência alimentar e moradia dos segmentos sociais mais pobres.

Nossa tese toma a coordenação da pandemia destes líderes como estratégia política fundada na negação da ciência e da gravidade da crise sanitária, sobre os impactos na economia e na produção de sentimentos (emoções). Tal prática foi acompanhada pela produção sistemática da ignorância, da mentira e da divulgação de informações falsas sobre o vírus e a pandemia através dos meios de comunicação de massa (Proctor, Schienbinger, 2005; Arendt, 1998) e, principalmente, pelo uso das redes sociais; da propaganda de tratamentos sem qualquer comprovação científica, do discurso sobre a manutenção da atividade econômica e da defesa da liberdade individual, uma vez que qualquer medida de isolamento e de distanciamento social era tratada como exercício autoritário do Estado sobre os cidadãos. Tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil o isolamento só foi decretado após pressão de governadores, prefeitos e dos movimentos sociais, mesmo assim não aprovado pelos governos centrais, recaindo a responsabilidade pelo decreto das medidas de isolamento social sobre os governantes locais.

Mesmo que governadores de diferentes estados do Brasil tenham tentado adotar medidas de isolamento, a falta de coordenação do governo federal, a falta de diretrizes comuns, o jogo de informações cruzadas e contraditórias serviram de estímulo para desistir do isolamento e restringiram as possibilidades de controle... No dia 14 de maio de 2020 o presidente Bolsonaro declarou que estamos em guerra. Mas ele não se referia à questionável metáfora utilizada por outros presidentes quando falam de guerra contra a pandemia. Pelo contrário, o presidente Bolsonaro preferiu declarar guerra aos governadores e prefeitos que, em diferentes estados do Brasil, defendem a implantação de políticas de isolamento social. E para isso,

de la pandemia de COVID- 19 durante el periodo de confinamiento en España: Factores protectores y factores de riesgo/vulnerabilidad. TIZÓN (2020), Salud emocional em tiempos de pandemia. Reflexiones urgentes. SOUSA *et al* (2020), Sentimento e emoções de homens no enquadramento da doença covid19. ASÚN *et al* (2020), El impacto emocional de la pandemia en los jóvenes: Sociabilidad, conflictos, y política. ORNELL *et al* (2020), "Pandemic fear" and COVID-19: mental health burden and strategies.

pediu ajuda aos empresários afirmando que eles devem obstaculizar as medidas de quarentena. De fato, essa guerra enunciada e declarada em 14 de maio já estava em curso desde o momento em que começaram a implementar-se as primeiras medidas de controle da epidemia, agravando-se depois da demissão do ministro Henrique Mandetta. (Caponi, 2020, p. 210).

A coordenação negacionista da pandemia inevitavelmente contribuiu para o considerável aumento do número de doentes e de mortos, o que nos levou a considerar que ela evidenciou a precariedade da vida (Butler, 2018; Honneth, 2009; Souza, 2019), sobretudo dos mais vulneráveis, agravada pela desigualdade social⁴ e pela insistência dos dois presidentes em negligenciar medidas de combate ao vírus e atendimento aos doentes. Sob esta ótica tornou-se perceptível não só a desigualdade social das vítimas, mas também a defesa por parte desses governantes de uma suposta diferença ontológica (Butler, 2018) entre os indivíduos. Pensar a desigualdade em saúde, nos coloca no horizonte a origem de todas as formas de desigualdade e nela localizamos fenômenos não só econômicos, sociais, de raça e de gênero. Se estas dimensões são fundamentais para sua compreensão diríamos que não são suficientes. A desigualdade é muito mais que as diferenças visíveis ou suas marcas exteriores, que podem ser percebidas pelo senso comum através das diferenças manifestas entre os grupos de indivíduos e suas práticas. Assim, não basta falar somente do que salta aos olhos, mas do que está mais além da diferença econômica, da participação política, da educação, da cultura, do gênero, da raça ou da cor da pele. Quando falamos de desigualdade falamos de duas dimensões desse fenômeno que não ficam explícitas nas dimensões econômicas e sociais, (renda, escolaridade, cultura, modo de vida) estamos pensando em formas de integração social e nos modos de vida⁵.

A hipótese da diferença ontológica, subjacente ao pensamento da extrema direita naturaliza a desigualdade social e, no caso da pandemia, naturalizou os efeitos do vírus e do adoecimento. As vidas perdidas foram vidas consideradas descartáveis e, embora na casa dos milhares, não foram suficientes para que tanto Trump, quanto Bolsonaro repensassem os rumos da coordenação da pandemia, pelo contrário, mantiveram-se firmes em seu projeto negacionista. Segundo Butler (2018, p. 15), “a apreensão da precariedade da vida conduz a uma potencialização da violência, a uma percepção de vulnerabilidade física de certo grupo de pessoas que incita o desejo de destruí-las”.

⁴ Ver a este respeito: Oliveira *et al* (2020), Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. Lima (2021), A Pandemia de Covid-19 no Brasil contextualizada sob o Prisma Sócio Racial. Sobre a Pandemia e desigualdade nos EUA, ver: Canales e Fernandez (2020), Desigualdade social y étnico-racial frente a la Covid-19 em Estados Unidos.

⁵ Ver a este respeito: Rasia, Souza e Hoffmann-Horochovski (2022), Desigualdade e Saúde em Tempos de Pandemia.

Se por um lado se observa nos dados a forma como a pandemia foi coordenada por estes governos, observa-se também como eles atuaram no sentido de negar não só a pandemia, mas os impactos que ela teve sobre os sentimentos desenvolvidos pela população diante de uma catástrofe da saúde pública, que ameaçou a vida de cada um e ao mesmo tempo desafiou a ciência, talvez em sua forma mais radical a produzir meios eficientes para a prevenção da doença e a mitigação do sofrimento em tempo record.

Embora a hipótese da diferença ontológica permita compreender algumas nuances da pandemia nos Estados Unidos e no Brasil, sustentamos também a hipótese de que o negacionismo configura-se como uma ferramenta de produção sistemática da ignorância (Proctor; Schiebinger, 2005), portanto, como projeto político que abrange todas as dimensões da vida e da ordem social atravessadas pela crise sanitária.

Trump e Bolsonaro mostraram-se eficientes na coordenação da pandemia ao agirem na produção de informações falsas com o objetivo de controlar politicamente a população, voltados para a reeleição e a perpetuação no poder. São exemplos da eficiência dessa coordenação a adesão da população ao discurso negacionista, à crença na ameaça comunista, no fim da liberdade individual, da liberdade de crença e da família e, no caso da pandemia, na crença em tratamentos ineficazes e nos ataques tanto à ciência quanto à vacina.

O negacionismo da crise do coronavírus tem como origem os líderes da extrema direita, assentada numa ideologia “antiglobalista” e sintetizada numa dupla desconfiança: com organismos internacionais e com a China. Eles veem uma ameaça em qualquer órgão da ONU, como a OMS, neste momento. Entretanto, o próprio estrategista conservador americano Steve Bannon, interlocutor e referência ideológica da família Bolsonaro no Brasil, vinha defendendo medidas de isolamento social para os Estados Unidos e ficou inclusive surpreso com a manutenção da posição brasileira. E Bolsonaro, a cada dia, foi dobrando a aposta. Reiteradamente Bolsonaro, que manifesta desconhecimento e desprezo pela atividade científica, divulga informações distorcidas e mantém um comportamento de ignorar ou ironizar recomendações de “isolamento social”. (Silva, 2020, p. 1).

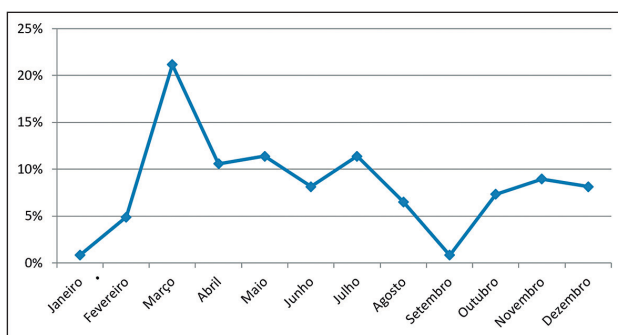
A derrota eleitoral de Trump e posteriormente de Bolsonaro, por pequena margem de votos, não extinguiu o projeto de poder da extrema direita negacionista, que continua agora encampado por parlamentares, prefeitos, governadores e movimentos de Direita e de Extrema Direita dos dois países.

3. Discussão e Análise dos dados

Os resultados apresentados nesta seção referem-se ao tratamento quantitativo dos dados coletados. Os dados foram classificados de acordo com as categorias citadas anteriormente foi possível compreender como Trump e Bolsonaro construíram narrativas sobre a Pandemia de Covid-19. Estas narrativas foram objeto dos textos dos jornais aqui considerados.

Iniciamos com os dados da classificação referente a categoria negacionismo nos editoriais do jornal *O Estado de São Paulo* durante o ano de 2020. Esta categoria foi tomada como objeto de discussão 123 vezes nos editoriais e artigos de opinião analisados, com percentuais mensais apresentados no gráfico abaixo:

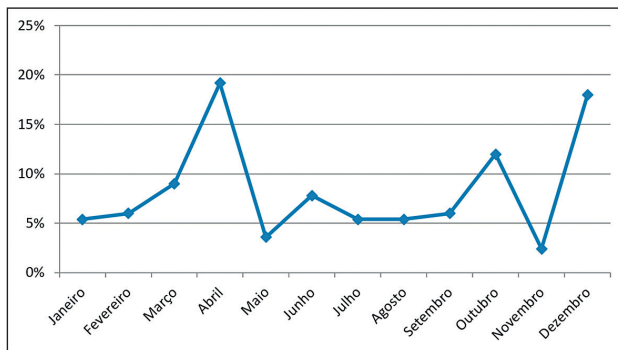
Gráfico 1: Negacionismo - Jornal *O Estado de São Paulo*: 2020.



Fonte: os autores, 2024.

Já nos Estados Unidos, esta categoria foi discutida 167 vezes, com a seguinte distribuição:

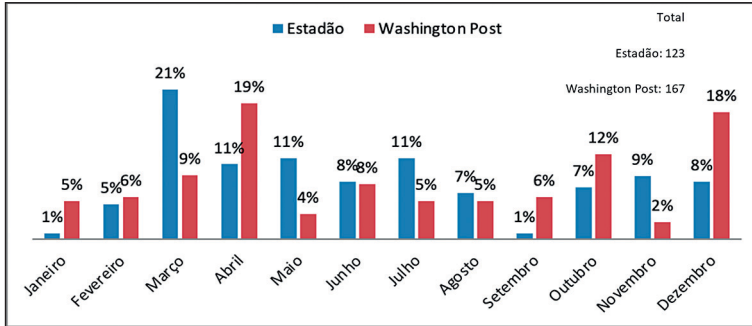
Gráfico 2: Negacionismo - Jornal *Washington Post*: 2020.



Fonte: os autores, 2024.

O gráfico 3 apresenta a comparação entre os dois jornais para facilitar a visualização do fenômeno nos dois países.

Gráfico 3: Negacionismo - Jornais *O Estado de São Paulo* e *Washington Post*: 2020.



Fonte: os autores, 2024.

No caso do Brasil, o mês de março aparece em destaque, com 21% do total de menções a atos e discursos negacionistas, enquanto no *Washington Post* é possível constatar dois picos, um referente ao mês de abril com 19% das menções e outro em dezembro com 18%. Os percentuais mais altos aqui destacados correspondem aos meses em que a pandemia se agravou em cada um dos países.

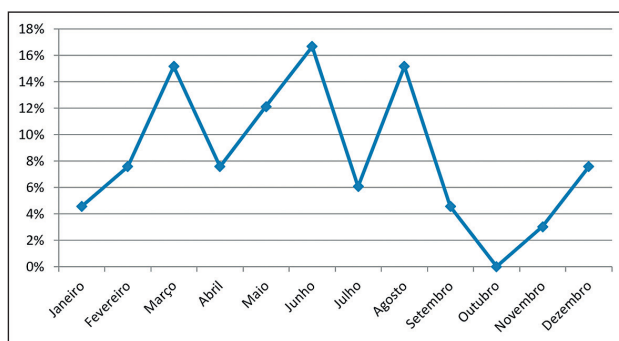
No Brasil, no mês de março, os dados revelam que o negacionismo foi objeto da crítica no jornal *O Estado de São Paulo*, sobretudo pelos pronunciamentos oficiais do presidente Jair Bolsonaro, como “a pandemia é só uma gripezinha”, ou quando negou a gravidade da doença e das descobertas científicas referentes à mesma ao afirmar que por ter histórico de atleta não teria com o que se preocupar.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, o negacionismo levou o país a romper seus vínculos com a Organização Mundial da Saúde (OMS), enquanto o Presidente Donald Trump teceu afirmações públicas sob o mesmo teor que Jair Bolsonaro, ao defender medidas de combate ao coronavírus sem qualquer validade científica. Em um pronunciamento oficial na Casa Branca (23 de abril), Trump defendeu a luz solar e a injeção de desinfetante como tratamento para os pacientes com a doença. Nos dois casos observa-se que a presença das críticas ao negacionismo nos dois jornais referia-se, por um lado, aos problemas relacionados à pandemia e, por outro, as manifestações negacionistas dos presidentes. O pico de dezembro nos Estados Unidos, já sob o Governo Biden, entretanto, pode ser considerado como resultado ainda da gestão Trump.

Já os dados referentes aos sentimentos ou emoções no jornal *O Estado de São Paulo*, nos mostram que o período em que mais se discutiu os sentimentos em 2020 foram os meses de março, agosto e junho. Em março, a OMS declarou o

Estado de Emergência Sanitária, dada a gravidade do vírus e, no Brasil, os Estados e municípios decretaram medidas de isolamento e distanciamento social. Sabíamos pouco sobre o vírus e não estávamos preparados para enfrentá-lo. Neste período, Bolsonaro atacava os argumentos dos cientistas que apontavam os riscos do vírus, sua rápida disseminação e as formas de transmissão. Bolsonaro e os bolsonaristas se opunham às medidas preconizadas pela ciência, pois estas afetariam o crescimento econômico.

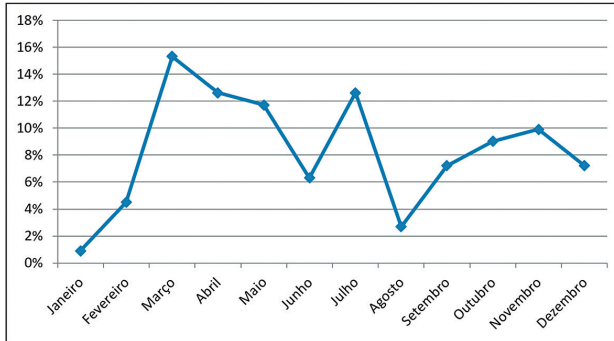
Gráfico 4: Emoções - Jornal *O Estado de São Paulo*: 2020.



Fonte: os autores, 2024.

Os dados do gráfico 5 mostram que nos Estados Unidos março, abril e julho foram os meses com maior presença de questões relacionadas aos sentimentos de solidão e medo da morte, nos textos publicados no *Washington Post*. As razões não diferem do que se observou no Brasil. Trump sustentava um discurso negacionista, questionando as medidas de prevenção e combate da pandemia, bem como o fato da OMS ter declarado o Estado de Emergência Sanitária. Neste momento, como no Brasil, a extrema direita norte americana desenvolve campanhas de ataque à OMS, não só cortando verbas destinadas à saúde, como ameaçando retirar-se da OMS. Também como no Brasil, medidas de isolamento social e distanciamento físico são consideradas prejudiciais à economia e aos indivíduos que sem trabalhar perderiam renda e empregos.

Gráfico 5: Emoções - Jornal *Washington Post*: 2020.

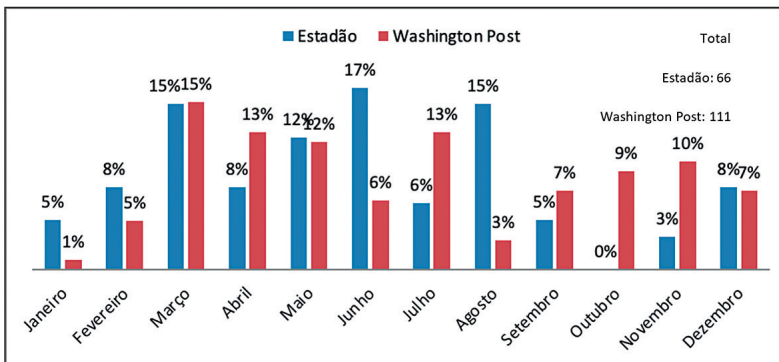


Fonte: os autores, 2024.

Ao compararmos as informações, percebemos que no mês de março os dois jornais coincidem quanto ao percentual de menções sobre as emoções e sentimentos. Um dado conjuntural comum aos dois países nesse momento é a posição da OMS em relação à pandemia, à gravidade do vírus e às medidas de contenção de sua expansão: isolamento social e distanciamento físico. Sobre o uso de máscaras de proteção, Bolsonaro se opôs radicalmente.

Em 4 de março nos Estados Unidos, na Califórnia, foi noticiada a primeira morte em território nacional. A discussão em torno das emoções, registradas no *Washington Post*, apontam o governo Trump com desestabilizador político, por minimizar os efeitos e a pandemia. Como resultado disso, em 27 deste mesmo mês, os EUA tornaram-se o primeiro país a ultrapassar os 100 mil casos de Covid-19.

Gráfico 6: Emoções - Jornais *O Estado de São Paulo* e *Washington Post*. 2020.



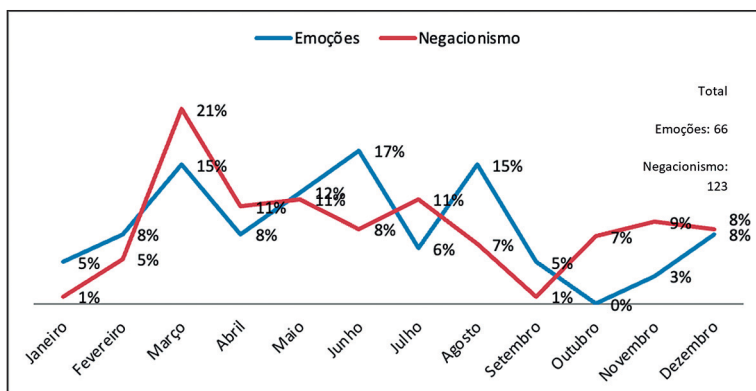
Fonte: os autores, 2024.

Nos Estados Unidos, as menções sobre as emoções no mês de julho (13%) justificam-se pelo aumento exponencial do número de casos. Neste momento o país ultrapassa a casa dos 4 milhões de casos, segundo as notificações oficiais do governo.

No Brasil, o mês de junho se destaca com 17% das discussões abordando o tema das emoções na pandemia, isto coincide com a mudança no método de divulgação dos dados pelo governo. O novo método tratava somente de divulgar os casos registrados nas últimas 24 horas. A imprensa tratou esta mudança metodológica como forma de manipulação política dos dados por parte do governo, de produção deliberada de desinformação e de minimização da pandemia. Em resposta a esta mudança, criou-se um consórcio de veículos de comunicação para a divulgação dos dados reais. Em agosto, com 15% de menções, o país bateu o número de 100 mil mortes e de 3 milhões de infecções, ocupando o segundo lugar mundial no número de casos e óbitos, perdendo apenas para os EUA com 4,9 milhões de infectados e 161 mil mortos. No *Washington Post* os percentuais são de 9% em outubro, 10% em novembro e 7% em dezembro. Trump não muda sua estratégia política de enfrentamento da pandemia, o que explica em parte o aumento do medo e da insegurança da população, o que se reflete nas discussões apresentadas nos editoriais do jornal analisado.

Percebemos que são praticamente os mesmos fatores que determinaram a maior ou menor presença de referências nos dois jornais, tanto sobre as emoções quanto sobre o negacionismo. As falas e atitudes negacionistas de Trump e de Bolsonaro e suas ações de descaso com a pandemia podem ser assim entendidas como parte de um mesmo projeto de poder. Do ponto de vista da população resulta no desenvolvimento de sentimentos como medo, insegurança, desamparo e desesperança, desconfiança etc. No Brasil, isto pode ser verificado no gráfico abaixo:

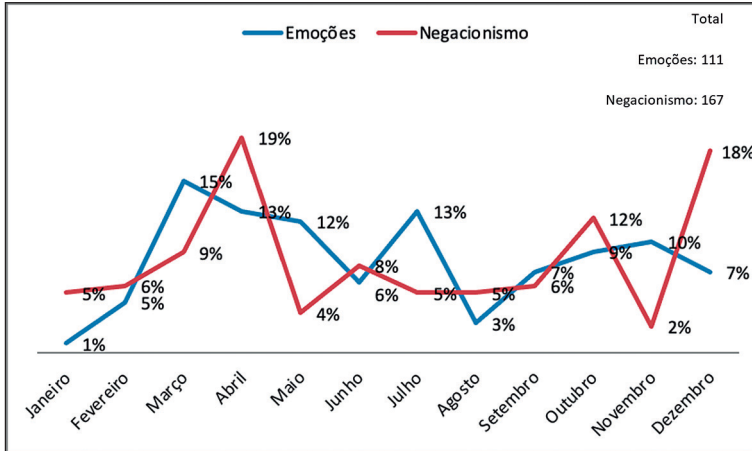
Gráfico 7: Negacionismo e emoções – O Estado de São Paulo: 2020.



Fonte: os autores, 2024.

Nos Estados Unidos, a relação entre emoções e negacionismo configura o seguinte cenário:

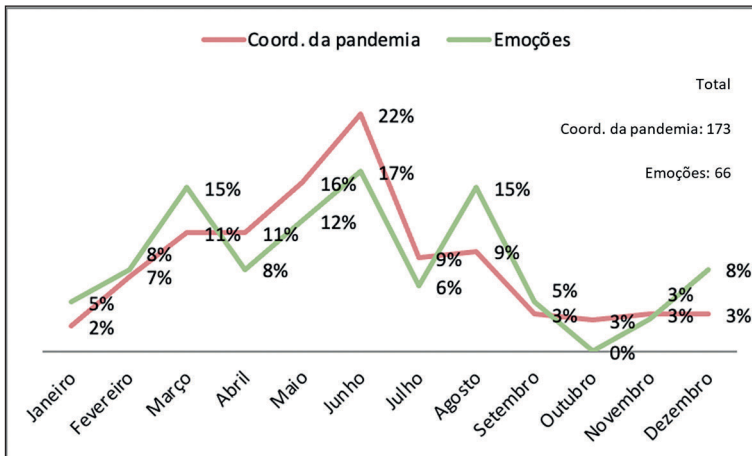
Gráfico 8: Relação entre negacionismo e emoções no *Washington Post*: 2020.



Fonte: os autores, 2024.

Da comparação entre a categoria coordenação da pandemia, que se refere ao tratamento político de enfrentamento da pandemia e as emoções, no Brasil, temos os seguintes dados:

Gráfico 9: Coordenação da pandemia e emoções - Jornal *O Estado de São Paulo*: 2020.

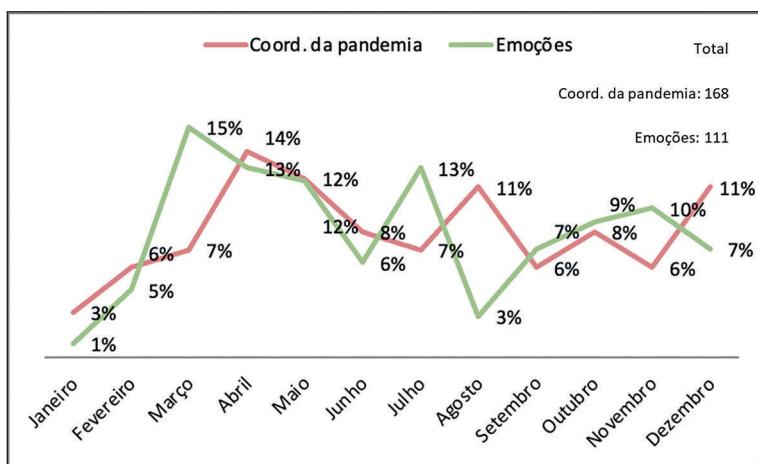


Fonte: os autores, 2024.

Em março, mês que registra um crescimento na discussão sobre a coordenação da pandemia, os artigos passaram a centrar suas críticas à gestão do governo Bolsonaro, a partir de suas primeiras manifestações negacionistas, corroboradas pela demissão do ministro da saúde (Luiz Henrique Mandetta) que defendia o isolamento horizontal, enquanto o planalto propunha a questionável política de isolamento vertical, ou seja, isolar somente os indivíduos pertencentes ao grupo de risco: idosos, diabéticos, portadores de doenças crônicas graves e imunossuprimidos). Em maio, com 16% das referências, o Brasil alinhado ao governo Trump passou a adotar uma política contrária à OMS, considerando-a uma ameaça à soberania nacional. Já em julho (22%), o maior pico deste indicativo em território nacional, o presidente se pronuncia contrário a aquisição de vacinas produzidas na China. Este pronunciamento foi acompanhado de forte adesão dos partidários de Bolsonaro, que divulgaram todo tipo de ataque à qualidade da vacina. Já no mês de julho, com 9% de referências, refletem a transferência da responsabilidade da coordenação da pandemia para os Estados e governadores.

Mesmo assim, o jornal *O Estado de São Paulo* manteve sua posição crítica às ações de Bolsonaro e sua equipe de Governo, especialmente ao Ministério da Saúde, pela sua recusa em assumir a coordenação da pandemia e pela crise gerada com a demissão do Ministro Mandetta.

Gráfico 10: Coordenação da pandemia e emoções - *Washington Post*: 2020.

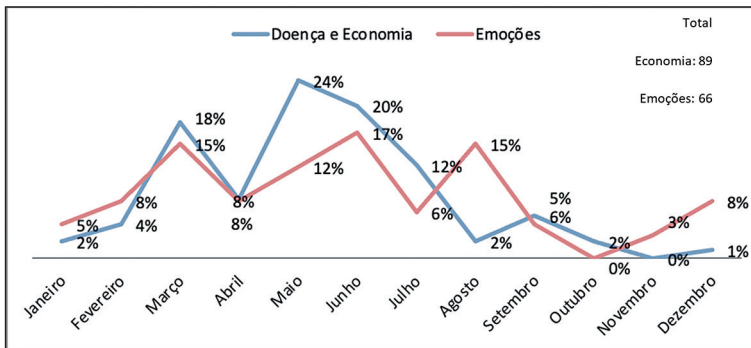


Fonte: os autores, 2024.

Em abril de 2020, os Estados Unidos de 200 mil casos e aproximadamente 4 mil mortes confirmadas, ultrapassa 900 mil casos, com 58.365 mortes, número maior que dos soldados norte americanos mortos na Guerra do Vietnã. Do ponto de

vista da gestão política, Donald Trump anunciou a suspensão de financiamentos para a OMS. Em agosto desse mesmo ano, de acordo com os registros do *Washington Post*, os Estados Unidos ultrapassaram o número de 5 milhões de casos confirmados, como resultado da coordenação negacionista da pandemia. O mesmo percentual, (11% das referências) repetiu-se em dezembro, com mais de 100 mil hospitalizados. Entretanto, as discussões sobre a coordenação da pandemia nesse mês podem ser interpretadas à luz dos efeitos da eleição do novo presidente Joe Biden e do modo como ele, diferentemente de seu antecessor, passou a incentivar a vacinação e a combater de modo efetivo a pandemia, enquanto, de modo inverso, as menções referentes às emoções diminuem, apontando para um aumento da segurança da população como resposta às políticas públicas da nova gestão.

Gráfico 11: Economia e emoções – O Estado de São Paulo: 2020.

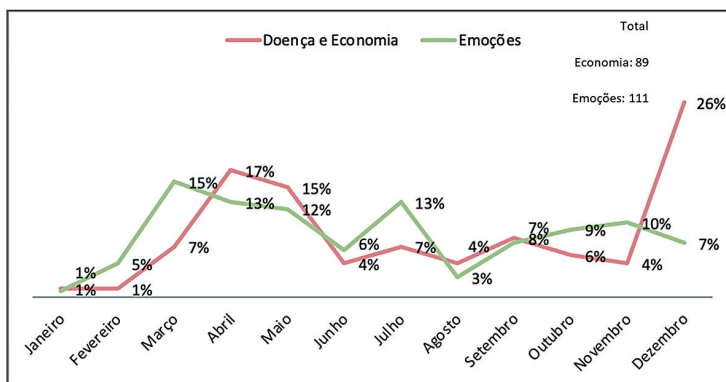


Fonte: os autores, 2024.

O período de maior incidência nos artigos sobre a questão dos impactos na pandemia em relação à economia centra-se em três meses: março, maio e junho com 18, 24 e 20% das referências do ano de 2020, respectivamente. O mote principal desta discussão foi a crise econômica, as medidas de isolamento social e distanciamento físico. No que diz respeito à economia, Bolsonaro imputa às medidas de proteção a responsabilidade pelo aprofundamento da crise, a quebra das pequenas e médias empresas, o aumento do desemprego e a queda na renda da população em geral, bem como o aumento da inflação e a crise da segurança alimentar. (Bragon, *et al.*, 2022).

Nos Estados Unidos, as referências aos impactos da Covid-19 sobre a economia podem ser observadas no gráfico abaixo:

Gráfico 12: Economia e emoções no *Washington Post*: 2020.

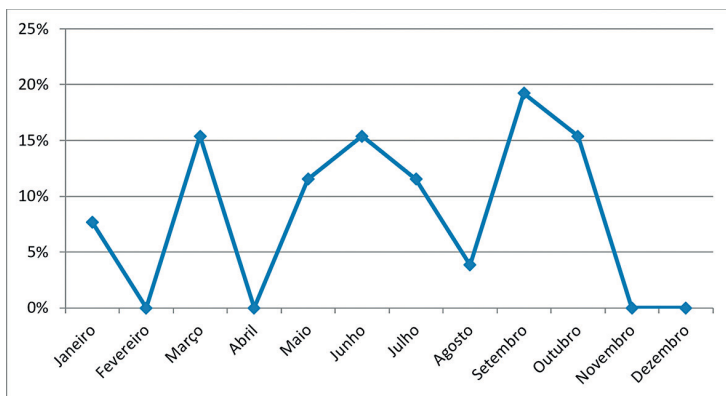


Fonte: os autores, 2024.

Como era de se esperar, a discussão sobre este tema se inicia durante o mês de março com 7% das referências e cresce consideravelmente em abril e maio, com 17% e 15%, respectivamente, dadas as especulações e inseguranças que a pandemia e as medidas de isolamento social impactaram. Foi também previsível o aumento das referências sobre economia em dezembro como resposta à eleição do Joe Biden e à expectativa de que o novo presidente implementasse políticas para melhor gestão da economia.

Os dados recolhidos do ano de 2021 nos permitem uma série de análises, entre as quais destacamos, mais uma vez, a relação entre as emoções e o negacionismo, usando como referência a coordenação da pandemia e a discussão sobre o futuro da economia.

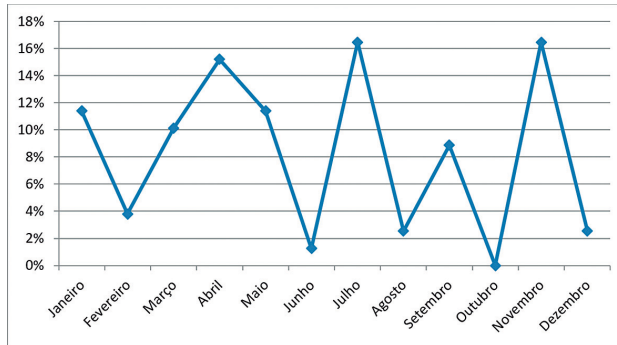
Gráfico 13: Emoções – *O Estado de São Paulo*: 2021.



Fonte: os autores, 2024.

Enquanto nos meses de fevereiro, abril, novembro e dezembro não há no jornal *O Estado de São Paulo* nenhuma referência sobre as emoções, nos meses de setembro (19%), outubro (15%), junho (15%) e julho (15%), as referências atingiram os valores mais altos do ano. Nos Estados Unidos, no mês de outubro, o *Washington Post* não fez nenhuma referência às emoções, enquanto nos meses de abril, (15%), novembro (16%) e julho (17%) há um aumento significativo.

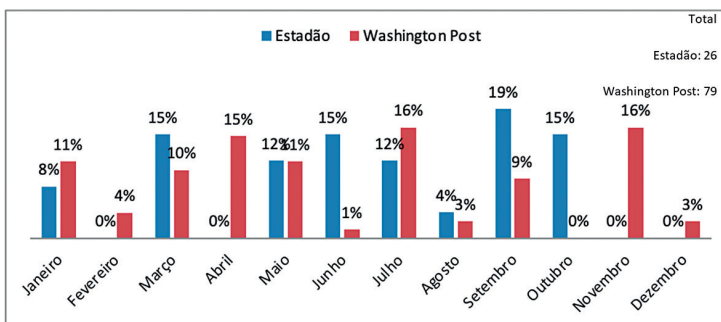
Gráfico 14: Emoções - *Washington Post*: 2021.



Fonte: os autores, 2024.

A comparação entre os jornais (gráfico 15) nos permite visualizar alguns aspectos relacionados às emoções e aos acontecimentos durante o ano de 2021 em ambos os países, conforme analisaremos adiante.

Gráfico 15: Emoções – *O Estado de São Paulo* e *Washington Post*: 2021.



Fonte: os autores, 2024.

No Brasil, o número de referências mais expressivas encontra-se nos meses de março (15%), junho (15%), setembro (19%) e outubro (15%). No mês de março as referências às emoções estão associadas ao aumento de mortes diárias. Se no

começo do mês eram 2 mil mortes, no final do mês, dia 23, eram 3.251. Só no estado de São Paulo ocorreram 1.021 mortes em um único dia. Neste momento, o Brasil já havia ultrapassado 300 mil mortes, enquanto o número de casos confirmados ultrapassava a marca dos 12 milhões. Em março o Brasil respondia por 11% das mortes por Covid-19 no mundo.

Abril de 2021 foi o mês mais letal da pandemia no Brasil com 67.723 mortes. Neste mesmo mês foram registradas em 24 horas 4.249 mortes. É curioso constatar que neste mês não há referências sobre as emoções. Os textos versam fundamentalmente sobre o negacionismo do presidente, a economia e a necessidade da instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar os possíveis crimes de omissão do governo.

O mês de junho (15%) apresenta uma alta nas referências sobre as emoções que coincide com o aumento da vacinação dos brasileiros contra a Covid-19. A disponibilidade de vacina no Sistema Único de Saúde (SUS) recolocou por um curto período na ordem do dia das discussões a esperança do fim da pandemia. No entanto, a esperança se transformou novamente em pessimismo e o medo reapareceu com força diante do surgimento da variante Delta do coronavírus.

Em setembro, com a maioria das infecções sendo causadas por esta variante, há 19% de menções referentes às emoções. Se por um lado o Brasil chegou a 590 mil mortes, 150 mil novos casos, totalizando 21,2 milhões de infectados (Queiroz, 2021), por outro, ainda havia um certo clima de otimismo frente à redução do número de mortes, que caiu para aproximadamente 500 mortes diárias, o que representa uma média de 75% a menos em relação ao mês de abril.

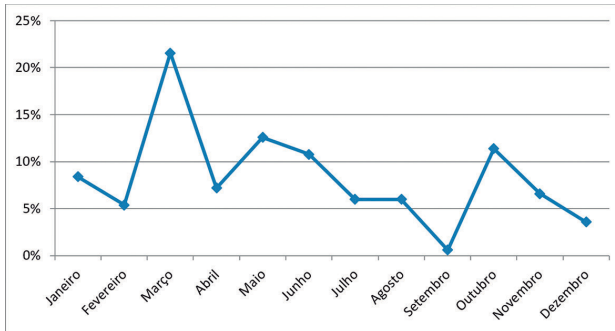
Já nos Estados Unidos, os picos em relação às emoções, conforme registrado nos artigos do *Washington Post* nos meses de abril (15%), julho (16%) e novembro (16%), refletem outro contexto. Em abril, um dado relevante que corrobora o aumento das discussões sobre as emoções é que, de acordo com o CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doença dos Estados Unidos), 35% da população dos Estados Unidos já havia sido infectada, contrariando os dados oficiais subnotificados. Em julho (16%) do mesmo ano o número de casos de infecção ultrapassou a marca dos 34 milhões, enquanto em novembro (16%) o número de infectados passou de 46 milhões no início do mês, para 48 milhões no dia 25 de novembro. As emoções variam entre o medo de uma nova ameaça oriunda das variantes detectadas pela OMS, mas também sobre o otimismo em relação ao aumento do número de vacinados.

Enquanto isso, as referências em relação ao negacionismo tiveram uma diferença fundamental, isto porque no ano de 2021 os Estados Unidos passaram a ser presididos por Joe Biden, do Partido Democrata, que desde o princípio de seu mandato anunciou mudanças importantes na coordenação da pandemia. Isto gerou um deslocamento nas discussões, os textos não mais abordam o negacionismo rela-

cionado à coordenação da pandemia, mas criticam a gestão Trump. No Brasil, por outro lado, o presidente Jair Bolsonaro manteve sua postura negacionista, expressa por meio de atitudes políticas contrárias a qualquer política pública de combate ao coronavírus.

Em linhas gerais, os dados de ambos os países se mostram da seguinte maneira, a começar pelo Brasil:

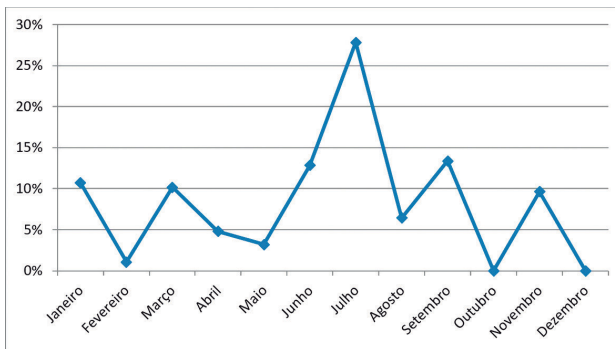
Gráfico 16: Negacionismo no jornal *O Estado de São Paulo*: 2021.



Fonte: os autores, 2024.

Enquanto isso, nos Estados Unidos as estatísticas são:

Gráfico 17: Negacionismo no *Washington Post*: 2021.

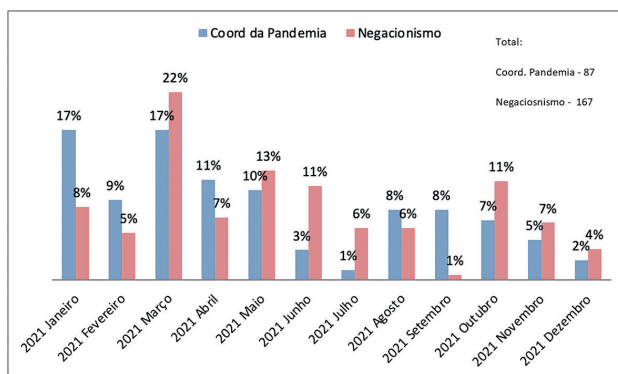


Fonte: os autores, 2024.

O maior pico registrado no Jornal *O Estado de São Paulo* foi o mês de março, com 22% do total das referências relacionadas ao negacionismo. É neste mês que constam manchetes como “Bolsonaro não se limita a ser irresponsável ou omissor. Tornou-se nocivo, ao atrapalhar deliberadamente os esforços de profissionais de saúde e de autoridades públicas empenhados em conter o avanço da pandemia de

covid-19” (Santos, 2021); “Antivacina na pandemia da covid-19: o negacionismo mata” (Fran, 2021), “Nenhum país teve um negacionista tão ativo na Presidência como o Brasil de Bolsonaro” (Silva, 2021). O negacionismo não como omissão ou incompetência, mas como projeto de governo marcou a coordenação da pandemia.

Gráfico 18: Coordenação da pandemia e o negacionismo –
O Estado de São Paulo: 2021.



Fonte: os autores, 2024.

A coordenação da pandemia, nos os meses de março e janeiro teve 17% das referências, as mesmas mostram que além dos ataques públicos à vacina e às recomendações da ciência, Bolsonaro priorizou a defesa da economia. A tônica dos artigos de janeiro mostrou que o governo foi propositalmente omissivo na gestão da saúde pública, escancarando casos como a falta de oxigênio em Manaus-AM, a falta de leitos hospitalares, de equipamentos e de profissionais nos serviços públicos de saúde.

Nos Estados Unidos, corroborando nossa hipótese, no mês de julho, com 28% das referências, os artigos abordaram o negacionismo, ao discutir a gestão do ex-presidente Donald Trump, com um total de 121 menções ao seu nome ou governo. Ainda neste mesmo mês, o número de casos novos disparou 70% em uma semana, sobretudo, por causa das campanhas contra a vacina feitas pela extrema direita norte americana e pelos movimentos antivacina.

Muito se falou tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos que Bolsonaro e Trump não desenvolveram empatia com a população durante a pandemia, que se mostraram alheios e indiferentes ao sofrimento e às dificuldades enfrentadas não só pelos indivíduos atingidos diretamente pela doença, mas por toda a população de seus países que, de diferentes modos, sentiu-se ameaçada pelo vírus, pelo desemprego e pela falta de qualquer forma de renda. A diminuição da atividade econômica agravada pelo fechamento das fábricas, dos comércios e a suspensão da prestação

de serviços, pelo distanciamento físico e o isolamento social, não foi acompanhada de pronto por medida de proteção social aos mais vulneráveis.

No caso dos Estados Unidos os mais atingidos pela pandemia foram os latinos e a população negra. “A mortalidade por Covid-19 é significativamente desigual segundo a origem étnico-racial. Até 14 de novembro de 2020, a mortalidade dos brancos era de 48,4 mortes por 100 mil habitantes, entre os latinos esta taxa atinge 141.7 mortes por 100 mil e entre os afro-americanos 142,7⁶.

Nos Estados Unidos a crise do coronavírus tem destacado disparidades raciais significativas, particularmente afetando a comunidade afro-americana. Exemplificando, em Michigan, afro-americanos, que formam 14% da população, são responsáveis por mais de 30% das infecções registradas e 40% dos óbitos relacionados à doença. Em Chicago, onde constituem 29% dos habitantes, representam 70% das fatalidades decorrentes da doença (Milam, Treré, 2020; Einhorn, 2020). Adicionalmente, observa-se uma menor frequência de testes de Covid-19 entre afro-americanos, um fenômeno que pode indicar preconceito racial inconsciente por parte dos profissionais de saúde na linha de frente, sugerindo que pacientes afro-americanos são menos referenciados para testes quando procuram atendimento médico com sintomas de infecção⁷.

No Brasil, a pandemia de COVID-19 impactou de maneira desproporcional as comunidades negras (Oliveira *et al.*, 2020) indígenas e as camadas mais desfavorecidas da população. Durante a gestão de Bolsonaro, as estatísticas oficiais sobre o surto inicialmente não incluíam informações detalhadas sobre cor ou raça. Esta lacuna foi parcialmente resolvida após pressão de entidades que demandavam a consideração desses dados pelo governo. Os informes epidemiológicos subsequentes passaram a reportar apenas dados relacionados a mortes e internações, omitindo estatísticas de casos confirmados segregadas por cor ou raça (Silva, Moraes, Santos, 2020). Pesquisas recentes, como a de Martins e colaboradores (2022), revelam que o vírus teve um efeito mais letal entre cidadãos negros, pretos e pardos no Brasil, onde observa-se que um em cada quatro pacientes hospitalizados e um em cada três óbitos por COVID-19 são de pessoas desses grupos étnico-raciais.

O Sistema de Único de Saúde (SUS) respondeu sempre no limite de sua exaustão às demandas por tratamento para os casos leves via Unidades Básicas de Saúde (UBS) e para os casos graves, que exigiam tratamento hospitalar, recorreu-se às Unidades de Pronto Atendimento (UPA) que se transformaram em hospitais improvisados com leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTI) e de enfermaria; aos hospitais públicos mantidos pelo SUS, às vagas em hospitais conveniados com o SUS e a um hospitais de campanha.

⁶ Sobre este ponto ver: Canales e Fernádes (2020).

⁷ A este respeito: Goes, Ramos e Ferreira (2020), Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19.

O custo emocional para os médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e demais trabalhadores da saúde ainda não foi devidamente estudado, mas sabe-se que estiveram submetidos a uma carga de trabalho excessiva em meio ao risco de contaminação e ao convívio com a falta de respiradores, oxigênio, medicamentos e leitos para pacientes. Em uma pesquisa feita com trabalhadores da saúde da Região Metropolitana de Curitiba-PR, realizada entre 2020 e 2021, pelo Grupo de Pesquisa em Sociologia da Saúde (UFPR), constatou-se que enfermeiros, fisioterapeutas e médicos intensivistas foram naquele momento os mais atingidos emocionalmente pelos efeitos da pandemia. Para dar conta da diferença de risco, envolvimento e proximidade entre os trabalhadores da linha de frente de combate à Covid-19, a pesquisa dividiu-os em dois grupos: trabalhadores ao pé do leito e trabalhadores de ambulatório e concluiu que sobre os primeiros recaiu o maior conjunto de tensões e desgaste emocional no serviço de saúde durante a pandemia (Rasia, 2021)⁸.

Nos Estados Unidos, a ausência de um sistema público de saúde levou a uma situação de crise sem precedentes, representada principalmente pela falta de acesso gratuito aos serviços de saúde. Nesta situação, como não poderia deixar de ser, os pobres foram os que mais sofreram os efeitos do adocimento, e entre estes, estão a população negra e latina. Aqueles que com poucos recursos conseguiram realizar alguma espécie de tratamento hospitalar, ao deixarem os hospitais contraíram dívidas que os tornaram mais pobres e mais vulneráveis. O Obama-Care, revelou seus limites não pela exaustão, mas pelo fato de não se constituir num sistema público com acesso universal.

Em linhas muito gerais, é nesse contexto de crise da saúde que Bolsonaro e Trump insistem numa Coordenação da Pandemia que não toma medidas de proteção social da população mais pobre e reafirmam o discurso que nega os efeitos letais do vírus, o papel da ciência e se colocam como porta vozes de medicamentos comprovadamente sem efeito para combater o novo coronavírus. Na esteira dessas atitudes, tanto Bolsonaro quanto Trump fazem pouco caso das mortes e das privações e sofrimentos a que brasileiros e americanos estão submetidos. É neste quadro que se prolifera a “falta de empatia” como expressão que tenta dar conta do discurso e da ação desses presidentes. O significado dessa expressão remete ao que se poderia ser tomado como desconsideração, descaso, ausência de alteridade e de reconhecimento.

Trump, ao perder as eleições para Biden, deixa o poder ao final de 2020. Este fato é fundamental para entendermos o deslocamento que houve nos enunciadores do discurso e nas ações negacionistas, que não têm mais em Trump seu agente principal, mas sim no Movimento Anti-vacina, em Parlamentares da Extrema Direita representantes e continuadores do Trumpismo dentro do Partido Republicano e

⁸ Rasia, José Miguel (Coord.) Os Trabalho e os Trabalhadores da Saúde na Pandemia. Curitiba, 2021. (Relatório de Pesquisa não publicado).

Governadores e “*Majors*” (posto correspondente ao de prefeito no Brasil) conservadores e de extrema direita. A estes agentes cabe agora levar adiante o discurso e a luta pelo fim das medidas de isolamento e distanciamento social, a reabertura da economia e as campanhas contra a vacinação.

No Brasil, a continuação do mandato de Jair Bolsonaro, manteve-o como o principal agente do discurso negacionista, anticiência e antimedidas de proteção social e pela abertura completa da economia. Jair Bolsonaro foi o principal agente das ideias anti-vacina e de um rol de ataques à ciência.

Se a “falta de empatia” aponta a ausência de alteridade para com os atingidos pela catástrofe, nossa análise buscou compreender esta ausência para além do plano da falta de reconhecimento e da alienação. Primeiro, porque as dimensões implicadas no conceito de reconhecimento, tal qual como o compreendem Hegel (2014) e mais tarde Honneth (2009), ultrapassam o nível do Direito e da Moral e, segundo a “falta de empatia” de Trump e de Bolsonaro, se constituem como projeto e enquanto tal é o guia que orienta a ação política voltada para os interesses de elite plutocrata e financeira e expressam o desejo de sucesso econômico custe o que custar.

Ao situar as raízes da desigualdade, Butler (2018) estabelece um diálogo crítico com Honneth (2018). Se para Honneth (2018) o reconhecimento se situa na esfera do Direito e da moral, para Butler (2018) a ausência de reconhecimento vai mais fundo, alojando-se numa suposta diferença ontológica entre os homens. A luta por reconhecimento não é só uma luta por direitos e por visibilidade social, mas uma luta pela superação da suposta desigualdade ontológica e suas consequências políticas. A radicalidade da compreensão de Butler repousa não só no plano da emergência de uma sociedade de iguais, mas também no estabelecimento de novas formas de laço social em que marcadores como cor, sexualidade, gênero, propriedade econômica não sejam determinantes da posição do indivíduo na escala social.

Assim, negar a pandemia é uma forma de ação política, é uma forma de agir em detrimento do interesse social e a favor do interesse particular dos segmentos sociais que controlam o poder e o mercado. Embora estes segmentos estejam também a mercê do vírus e do adoecimento, sabemos que a pandemia quando os atinge, não o faz em situação de vulnerabilidade social e econômica.

4. Conclusões

A pesquisa apresenta uma análise comparativa da gestão da pandemia por dois líderes políticos notoriamente controversos, Donald Trump e Jair Bolsonaro, destacando a adoção de estratégias negacionistas e suas implicações na saúde pública, na economia e no tecido social dos Estados Unidos e do Brasil. O estudo evidencia como o negacionismo, entendido não apenas como rejeição da ciência, mas como

uma estratégia política deliberada, serviu aos propósitos de manutenção do poder, ignorando as recomendações científicas e as necessidades de saúde da população. Bolsonaro e Trump, recolocaram na raiz de seus projetos políticos conservadores o negacionismo como fenômeno social e histórico. Os dados nos permitiram compreendê-lo como fonte de manipulação da verdade, da produção sistemática da mentira e da ignorância, tendo a vista a manipulação das massas.

A gestão negacionista da pandemia teve efeitos que repercutiram nas emoções da população: o medo, a insegurança e o desamparo foram exacerbados pela falta de uma resposta governamental coerente e baseada em evidências. Esse aspecto da pesquisa é de particular importância, pois ressalta não só a precariedade da vida, mas também o custo humano das políticas adotadas, elemento frequentemente subestimado nas análises políticas e econômicas.

No que toca a questão econômica as preocupações dos dois presidentes revelam a luta contra as medidas de proteção como o *lockdown*, o fechamento de fronteiras, o isolamento físico e o distanciamento social. Estas medidas foram consideradas prejudiciais à manutenção da atividade econômica e como tal foram atacadas pelos dois governantes. Tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos não houve decretação de lockdown nacional. Nem Bolsonaro, nem Trump quiseram assumir o ônus político destas medidas e deixaram a cargo dos governos locais sua implementação.

Ademais, o artigo destaca as consequências econômicas dessas políticas, sublinhando uma falsa dicotomia entre saúde e economia que orientou as decisões de ambos os governos. A análise dos editoriais dos jornais *Washington Post* e *O Estado de São Paulo* revela uma crítica consistente à maneira pela qual Trump e Bolsonaro minimizaram os impactos da pandemia, promoveram informações falsas e desincentivaram práticas de mitigação dos efeitos do vírus baseadas na ciência, e nas recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS).

As emoções foram tratadas pelos artigos em estreita vinculação com a Coordenação negacionista da pandemia e com as questões econômicas levantadas pelos Presidentes. Em que pese não termos nomeado cada sentimento em particular, e termos trabalhado de forma agregada na categoria emoções compreende os efeitos da Pandemia sobre os sentimentos e afetos da população dos dois países. A manipulação do medo, da solidão, do abandono, do desespero, e do desamparo, da perda e do luto expressam de modo evidente o sentimento de uma população desprotegida pelas políticas de Estado manifestas na negação e ausência de vacinas, de terapias eficazes, leitos hospitalares e insumos básicos. Ao mesmo tempo observou-se que a presença do tema emoções nos dois jornais se avoluma a cada vez que acontecem novos surtos do vírus. Em geral, um nova variante do vírus reatualiza o conjunto dos sentimentos aqui considerados.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Aspectos do Novo Radicalismo da Direita**. São Paulo: UNESP, 2020.
- ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: UNESP, 2019.
- AMARANTE, P.; AMORIM, A.; GULJOR, A. P.; SILVA, J. P. V. da; MACHADO, K. **O enfrentamento do sofrimento psíquico na pandemia: diálogos sobre o acolhimento e a saúde mental em territórios vulnerabilizados**. Rio de Janeiro: IdeiaSUS/Fiocruz, 2020.
- ARENDT, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ASÚN, R.; PALMA, I.; ACEITUNO, R.; DUARTE, F. El impacto emocional de la pandemia en los jóvenes: Sociabilidad, conflictos, y política. **Revista de Sociología**, 36(1), 6–24, 2021.
- BASSANI, Denis; FABRIS, Érico; SIMONI JR, Paulo. **Política e Negacionismo: O Impacto da Covid-19 no Brasil e nos EUA**. São Paulo: Editora Acadêmica, 2021.
- BRAGON, Ranier; GARCIA, Nathalia; LOPES, Raquel; SALDAÑA, Paulo; GABRIEL, João; MORAES, Carolina. **Indicadores do Brasil pioram sob Bolsonaro, que encerra governo sem marca positiva**. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/12/indicadores-do-brasil-pioram-sob-bolsonaro-que-encerra-governo-sem-marca-positiva.shtml#:~:text=Bolsonaro%2C%2067%2C%20que%20governou%20parte,In%C3%A1cio%20Lula%20da%20Silva%20\(PT%2C](https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/12/indicadores-do-brasil-pioram-sob-bolsonaro-que-encerra-governo-sem-marca-positiva.shtml#:~:text=Bolsonaro%2C%2067%2C%20que%20governou%20parte,In%C3%A1cio%20Lula%20da%20Silva%20(PT%2C) . Acesso 06/08/2024.
- BUTLER, J. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CANALES, A. I.; FERNÁNDEZ, D. C. Desigualdade social y étnico-racial frente a la Covid-19 em Estados Unidos. **Coyuntura y Debate**. v.18 n.35, p.129.45, seg. semestre de 2020.
- CAPONI, S. Covid-19no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**. V.34, n.99, 209, 2020.
- EINHORN, E. African Americans may be dying from COVID-19 at a higher rate. Better data is essential, experts say. **NBC News**. April 8, 2020.
- FRAN, André. Antivacina na pandemia da covid-19: o negacionismo mata. **O Estado de São Paulo**, 2 de março de 2021.
- GOES, E. F.; RAMOS, D. O.; FERREIRA, A. J. F. Desigualdades raciais em saúde e a pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, 2020.
- HEGEL, G. W. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes/Ed. Universitária São Francisco, 2014.

HONNETH, A. **Luta Por Reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2009.

HONNETH, A. **Reificação**: um estudo de teoria do reconhecimento. São Paulo, UNESP, 2018.

KANT, I. **Resposta à Pergunta O que é o Esclarecimento?** Textos Seletos. Petrópolis: Vozes, 1985.

LACLAU, Ernesto. **On Populist Reason**. London: Verso, 2005.

LIMA, W. A Pandemia de Covid-19 no Brasil contextualizada sob o Prisma Sócio Racial. **Revista Territorial**, Cidade de Goiás, v. 10, n. 1, p. 15-33, 2021.

LÓPEZ, Maria. Negacionismo e Política: **A Construção da Ignorância no Século XXI**. Buenos Aires: Editorial Académica, 2023.

MARTINS, M. R.; COSTA, W. C. da; CARVALHO, S. D. de; OLIVEIRA, J. A. de; REIS, L. C. S. O racismo estrutural e as mortes de negros por COVID-19. **Research, Society and Development**, v.11, n. 13, e116111335044, 2022.

MILAN, S.; TRERÉ, E. The Rise of the Data Poor: The COVID-19 Pandemic Seen From the Margins. **Social Media + Society**, July-September, 2020.

MORAIS, Renato; COSTA, Andrea; BERNARDI, Fabio. **A Pandemia e o Populismo de Direita: Análise Crítica das Políticas de Saúde Pública nos EUA e Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020.

MOUFFE, Chantal. **For a Left Populism**. London: Verso, 2015.

OLIVEIRA, R. G. de; CUNHA, A. P. da; GADELHA, A. G. dos S.; CARPI, C. G.; OLIVEIRA, R. B. de; CORRÊA, R. M. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. **Cadernos de Saúde Pública**, 2020.

ORNELL, F.; SCHUCH J.B.; SORDI A.O., KESSLER, F.H.P., “Pandemic fear” and COVID-19: mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**; (42):232-5, 2020.

PROCTOR, R.; SCHIEBINGER, L. **Agnotology**. The making and unmaking of ignorance. Stanford (CA): Stanford University Press, 2005.

QUEIROZ, Vitoria. **Dois anos de Covid: relembre 30 frases de Bolsonaro sobre a pandemia**. Poder 360, 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>. Acesso 06/08/2024.

RANGEL A.R., NORONHA L.M., CHAGAS G.C.L., MENESES G.C., SILVA Jr G.B., PIRES NETO R.J., DAHER E.F., COVID-19 in China, Italy and the United States of America: a short review. **Rev Med (São Paulo)**. Mar.-abr.;100(2):162-70, 2021.

RASIA, J. M. (Coord.). **O Trabalho e os Trabalhadores da Saúde na Pandemia**. Curitiba, UFPR, (Relatório de Pesquisa, não publicado). 2021.

RASIA, J. M.; SOUZA, M. N. de; HOFFMANN-HOROCHOVSKI, M. Desigualdade e Saúde em Tempos de Pandemia. *In*: ARBOLEYA, A.; HORN, G. B.; DIAS, M.; MORATTA, P. V. C de (Orgs). **Desigualdade em Foco**. Curitiba: Platô Editorial, 2022.

ROUSSO, H. Les racines du négationnisme en France. **Dans Cités**, 2008/4 (n° 36): 51-62; 2008.

SANDÍN, B.; CHOROT, P., GARCÍA-ESCALERA, J.; VALIENTE, R. M. Impacto emocional de la pandemia de COVID- 19 durante el periodo de confinamiento en España: Factores protectores y factores de riesgo/vulnerabilidad. **Acción Psicológica**, 18(1), 27–44, 2021.

SANTOS, Maria. **Bolsonaro não se limita a ser irresponsável ou omissivo. Tornou-se nocivo, ao atrapalhar deliberadamente os esforços de profissionais de saúde e de autoridades públicas empenhados em conter o avanço da pandemia de covid-19**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 2021, 22 set. Opinião, p. A12. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniaio/bolsonaro-nao-se-limita>. Acesso em 06/08/2024.

SCHMITT, Carl. **The Concept of the Political**. Chicago: University of Chicago Press, 1929.

SILVA, A. L. R. da. **Bolsonaro e o Coronavírus: o custo do isolamento diplomático num momento de crise**. FCE-UFRGS, 2020.

SILVA, João. **Nenhum país teve um negacionista tão ativo na Presidência como o Brasil de Bolsonaro**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 2021, 15 ago. Opinião, p. A10. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniaio/nenhum-pais-teve-um-negacionista>. Acesso em 06/08/2024.

SILVA, L. I. C.; MORAIS, E. S.; SANTOS, M. S. COVID-19 e população negra: desigualdades acirradas no contexto da pandemia. **Revista Thema**. v.18: p. 301-318: 2020.

SOUSA, A. R. de; CARVALHO, E. S. de S.; SANTANA, T. da S.; SOUSA, Á. F. L.; GEANIZELLE, T. F.; ESCOBAR, O. J. V.; MOTA, T. N.; PEREIRA, Á. Sentimento e emoções de homens no enquadramento da doença covid19. **Ciência e Saúde Coletiva** 25(9):3481-3491, 2020.

SOUZA, L. G. da C. de. **Reconhecimento, Redistribuição e Desreconhecimento: um debate com a teoria crítica de Axel Honneth**. Florianópolis: EdUFSCF, 2019.

TIZÓN, J. L. **Salud emocional em tiempos de pandemia**. Reflexiones urgentes. Barcelona: Herder, 2020.

Coordenação da pandemia, economia, negacionismo e emoções nos governos Trump e Bolsonaro

VALIM, Ricardo; AVELAR, Thiago; BEVERNAGE, Berber. **Negacionismo e Autoritarismo: Estudos Sobre a Pandemia de Covid-19**. Curitiba: Editora UFPR, 2021.

Submetido em: 10/01/2024

Aprovado em: 12/06/2024